

AFROS & AMAZÔNICOS



ASPECTOS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA A PARTIR DA VIVÊNCIA DO BÀBÁLÒRISÁ WALMIR FERNANDES, SACERDOTE DO ILE AŞE AGARONÍLE EM BELÉM DO PARÁ

*Aspects on African Matrix Religions from the Experience of Bábálòrisá Walmir
Fernandes, priest of Ile Aşe Agaroníle in Belém do Pará*

*Paula Francinete Ramos**

Resumo: O artigo reúne os resultados da análise de conteúdo de uma live que contou com a participação do Bábálòrisá Walmir da Luz Fernandes, um dos mais importantes sacerdotes das religiões de matriz africana em Belém do Pará. O objetivo é descrever aspectos das religiões de matriz africana, a partir da visão desse sacerdote que também se destaca no meio religioso paraense por causa de seu perfil acadêmico e militante. Para isso, tomou-se como material uma entrevista concedida à autora no dia 08 de agosto de 2020, durante a gravação de uma live. Os dados foram analisados segundo alguns procedimentos de análise de conteúdo. Ao todo, 12 aspectos foram elencados: atributos elementares; postura anti-hegemônica; busca pelo conhecimento; comensalidade; inclusão; canto e da dança; Aşe (Axé); organização familiar; a língua yorubá; a organização em nações; a busca pela africanização e abandono do sincretismo com as religiões cristãs; e a autoridade ancestral.

Palavras-chave: Religião de matriz africana, Sacerdócio; Yorubá; Trajetória de vida.

Introdução¹

Fazer parte de uma religião de matriz africana, e militar por ela, torna qualquer pesquisa em relação às questões de terreiros muito mais viáveis. Exemplo disso é que não somente pai Walmir, mas todas as pessoas com as quais faço interlocução nesta pesquisa se sentiram à vontade para fazer seus relatos, uma vez que não fui vista apenas como uma “a antropóloga”, “a cientista”, “a pesquisadora”, mas sim, como alguém que está no nicho, que conhece os fundamentos e sabe até onde pode ir, sem necessariamente adentrar o espaço de suas vidas como um invasivo e desrespeitoso antropólogo viajante curioso pelo exotismo e que contribui, de várias formas, com a relação muito comum feita

em nossa sociedade entre as definições “diferença” e “inferioridade”.

Sobre as circunstâncias da pesquisa antropológica junto às religiões de terreiro, encontrei em Gustavo Chiesa (2020) uma inspiração. O autor enfatiza a necessidade de entender o papel do antropólogo em campo, com especial atenção a todo o aprendizado multissensorial que pode ser gerado na pesquisa etnográfica. Para o autor, nesse tipo de estudo é necessário fazer uma narrativa em primeira pessoa, algo que não necessariamente constitui uma autobiografia. Em tal pesquisa, o etnógrafo ou etnógrafa avança por meio dos sentidos, e a cada passo une a experiência individual com a ciência e com o cognitivo. Então, nesse movimento, a etnografia desvela a lógica de determinadas dimensões constitutivas da vida humana e de sua própria representatividade nela. A fresta por onde se olha são os sentidos, o saber, o sentir, ser, conhecer, participar, observar, principalmente quando se investiga uma religião de matriz africana cuja tradição não

* Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), especialista em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), é professora vinculada à Secretaria de Educação do Estado do Maranhão.

1. Algumas palavras estarão com a grafia em Yorubá e outras, escrevo como se lê em Português.



é escrita, mas mantida por meio de manifestações da fala, do canto e da dança.

Durante muitos anos, poucas pessoas de terreiro observavam os espaços da universidade sob as reflexidades de seus espaços de axé. Na verdade, por conta de todo o histórico de exclusão social e racismo institucional, a maioria dos aptos do candomblé, principalmente os negros, eram excluídos também do processo educacional, e, assim como a maioria do povo preto, juntamente com sua cultura e tudo que lhe era atribuído, continuaram a não ter seus direitos de inclusão, mesmo depois do 13 de maio de 1888², cuja liberdade foi apenas formal e sem nenhuma reparação. Por causa disso, os negros excluídos, os que resistiram continuaram a cultuar seus deuses africanos, mas, apenas em guetos e sem a mesma condição de emprego, estudo e/ou qualquer outro tipo de bem-estar social.

E, como enfatizaram Luca e Campelo (2007) e Vergolino (1976), a partir de seus campos em Belém, e considerando de décadas de Antropologia no Brasil, ainda há poucos trabalhos sobre e o tema de religiões de matriz africana cujo olhar seja de dentro para fora, isto é, pesquisas em que o lugar de fala (RIBEIRO, 2020) seja o daquele que vive a religiosidade / ancestralidade do terreiro.

Diferente de outros movimentos como de mulheres e LGBT+ cujo os interesses pelas pesquisas são daqueles e daquelas que fazem parte da etnografia, com as religiões de matriz africana é diferente, havendo um qualificador que além de racial também é de classe. Pode-se encontrar mulheres, principalmente brancas e de classe alta na academia (falo em termos puramente quantitativos e não de hegemonia do poder institucional), assim como militantes LGBT+. Sobre o povo de terreiros, penso que por causa da vulnerabilidade econômica e social que afeta a população negra e periférica, ainda somos poucos que adentramos nas universidades

2. Data oficial da Abolição da escravatura no Brasil.

para falar sobre nós, nossas resistências, lutas e buscas por direitos legítimos.

Por isso, durante muito tempo e até mesmo nos dias de hoje, mesmo depois da implementação de cotas e conscientização positiva dos movimentos sociais antirracistas, sobretudo o movimento negro, que fez muitos sacerdotes, sacerdotisas, e principalmente filhos e filhas de santos de gerações mais recentes acessar o universo acadêmico onde fazem de suas vivências fontes de pesquisa, e reforçam em inúmeras mobilizações a necessidade de trazer mais dos nossos (povo de terreiro) e de conscientizar toda a sociedade de que nossas crenças não são inferiores e muito menos “demoníacas”, ainda há um longo caminho até uma real equidade étnico-racial, especialmente em face do conservadorismo flagrantemente cristão que tomou conta do cenário brasileiro nos últimos quatro anos.

Apesar de tudo, muitos dos pesquisadores oriundos de terreiros se tornaram famosos e referência para a juventude no ciberespaço como, por exemplo, Babá Sidnei Nogueira de Sângò (São Paulo), ganhador do prêmio Jabuti com o livro *Intolerância Religiosa*; Babá Rodney William de Oxossi (São Paulo), autor do livro *Apropriação Cultural*; Djamila Ribeiro, filha de Santo de Rodney; Marilu Campelo, antropóloga e coordenadora do Grupo Estudos Afro-Amazônico (GEAM/UFGA), uma das pioneiras a pesquisar os Candomblés no Estado do Pará; Edson Catendê pai de santo e advogado; Glauce Santos, professora de artes, mestra em artes, curadora e artista de Terreiro, estes últimos pertencentes à cidade de Belém, dentre outros, para além do sacerdotismo, tornaram-se profissionais acadêmicos e levantam seus ilês para este tipo de conhecimento, pois o espaço acadêmico deve ser construído também por pessoas negras e suas culturas, sem nenhum tipo de invisibilidade.

Dentre um universo cada vez maior de afro-religiosos intelectuais que ao mesmo tempo são militantes, neste trabalho



minha atenção se volta para um importante babalorixá, professor universitário e ativista de Belém do Pará, refiro-me ao Pai Walmir da Luz Fernandes, eminente sacerdote de matriz africana – Candomblé Ketu – de quem irradiam densas linhagens e que é reconhecido por ser um dos mais velhos dos Candomblés de Belém, além de um profundo conhecedor das tradições e um militante e intelectual profícuo.

Meu objetivo é descrever aspectos das religiões de matriz africana, a partir da visão de Pai Walmir, alguém que não somente vive a condição de sacerdote, mas também a condição de acadêmico e militante. Para isso, tomei como material uma entrevista concedida a mim, por Pai Walmir Fernandes, no dia 08 de agosto de 2020 durante a gravação de uma live. As perguntas não foram previamente elaboradas, elas tiveram como eixo apenas o objetivo da live que foi apresentar o sacerdote ao internautas, bem como os aspectos considerados por ele mais revelantes para uma visão panorâmica de sua trajetória e da religião que vivencia na condição de sacerdote, militante e intelectual. A entrevista foi analisada segundo alguns procedimentos de análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

A fala do sacerdote é um material que permite pensar as religiões de origens afro e se constitui como uma fonte de informação cultural, desconstrução de paradigmas, e reafirmação da resistência de um povo afrodiaspórico. Por isso, mais do que utilizar o material da entrevista como simples “objeto de pesquisa”, considero o saber de Pai Walmir Fernandes no mesmo patamar de validade epistêmica dos autores e pesquisadores que utilizo em minha análise, por isso, busco dar visibilidade às pessoas de dentro dos terreiros, pessoas que buscaram utilizar suas vivências como legitimidade de aprendizado e saber, na perspectiva de enfatizar a história de luta dos povos de matriz africana.

Reconheço Pai Walmir Fernandes como um sacerdote e intelectual militante da envergadura do Doutor Sidney Nogueira,

Babalorixá que em 2020 escreveu o importante livro *Intolerância Religiosa*, cuja explicação das violências sofridas pelas comunidades de terreiro viabiliza a consciência de que ações geralmente classificadas apenas como “intolerância religiosa” consistem, na verdade, em manifestações racistas historicamente existentes no Brasil.

Ou ainda Rodney William (2020), também Babalorixá e assim como Nogueira, doutor, que relembra o processo de ‘aculturação’ e aniquilamento dos costumes sofrido pelo povo escravizado, fazendo refletir os verdadeiros aspectos que levam as religiosidades de matriz africanas a se misturar, não de forma tão harmoniosa assim, com a cultura cristã, européia, colonizadora, dentre outros, que ao longo da escrita serão citados para o melhor entendimento de quem sente a necessidade de conhecer os aspectos das religiões de matriz africanas, nesse caso, o Candomblé Ketu.

A partir do Pensamento de Djamila Ribeiro (2020), quando ela afirma que o lugar social é importante para construirmos trilhas de visibilidades, situo-me na pesquisa a partir do meu lugar social que mescla a linha de pesquisa, da qual faço parte como antropóloga, e também me apresento como filha de santo, mulher branca, mas com o letramento de saber que o candomblé é uma religião criada e institucionalizada por negros, e por isso a ancestralidade negra é a que prevalece. Sendo assim, lembro que ao adentrar nessa religião, precisamos tentar nos despir de toda a “brancitude colonizadora” que nos foi construída (NOGUEIRA, 2020).

Minha trajetória no candomblé começou no ano de 2014 no Funderé N’Oyá Jokolosy. Porém, minha vida em terreiro se inicia desde o final dos anos de 1990, na flor da adolescência, pela curiosidade, por tentar entender porque as pessoas incorporavam, e também por na época achar particularmente interessante conversar com os caboclos de Umbanda. Em 2013, tornei-me filha de santo de um terreiro de Mina, locali-



zado em Mosqueiro, área metropolitana de Belém, nesse mesmo ano conheci o Candomblé, também por curiosidade de saber qual era meu orixá. O pai de santo de Tambor de Mina veio a falecer, e como ele era iniciado no candomblé, sou apresentada ao pai dele Odé Kewami, no Funderé N'Oyá Jokolosy. Em 2015 fui iniciada para o Orixá Oyá ou Iansã. Nesse período eu estava terminando o mestrado em Antropologia Social, mas nunca tive as religiões de matriz africana como fonte de pesquisa.

No circuito da religião e da academia, conheci Pai Walmir, pois sempre foi um estudioso e pesquisador acadêmico de sua religião, seu nome é bastante conhecido dentro e fora do Pará, porém meu único contato com ele até então era apenas em palestras, como espectadora. Alguns anos tive o conhecimento de se tratar de meu avô de santo, pois, no candomblé, religião da qual fazemos partes, as ligações com o sagrado originam grupos familiares cujo elo ocorrem pela iniciação.

O encontro em que a live foi gravada aconteceu por intermédio de Mametu³ Kaianileji⁴, de nação Angola, também conhecida como Kátia Hadad. Por causa da pandemia os terreiros momentaneamente fecharam, então, Mametu e eu decidimos realizar lives em redes sociais, com o intuito de passar conhecimento e também se comunicar com as pessoas de terreiros. Eram lives culturais, onde eu realizava entrevistas com personalidades de todas as áreas da matriz africana do Pará. Às vezes, conversas, trajetórias de vida e até rodas de tambores e shows virtuais com músicas temáticas.

Essa conversa com Pai Walmir foi deveras importante, e, na prerrogativa da

3. Mametu tem o mesmo sentido que a palavra Yá, que significa Mãe, contudo, a primeira vem de origem bantu, que é a origem da nação Angola, a qual ela fazia parte e a segunda é de origem yorubana, oriunda da Nigéria a qual faz parte a nação Ketu.

4. Era "o nome" a qual ela foi batizada em sua nação Angola, a qual chama de Ndigina ou Orunkó, se fosse nação ketu. O nome vem do Nkisi (força da natureza) Mikaiá que corresponde ao Orixá Yemanjá.

aliança familiar, não só tive com ele o encontro familiar de avô e neta, como também passado alguns meses me tornei filha de santo do Ile Aṣẹ Agaro nílẹ, terreiro desse sacerdote, portanto, tornei-me filha de santo do Pai Walmir. Nossa live durou 1h e considero suficiente para ter um entendimento mais substancial do candomblé, receber orientação e incentivo para usar os sentidos como busca das verdades e aprendizado, principalmente o sentido da escuta. Em julho de 2022, ao completar sete anos de iniciada, cumpri com três anos de renovação⁵ e me tornei Egbon Oloyá Ni Ile⁶. Então, assinalo minha relação subjetiva e emotiva não só com o sacerdote, mas com todos do Ile Aṣẹ.

Descrevendo espaços

Eu cheguei no Ilé [terreiro] por volta das 16hs. Fui recebida por seu filho biológico, Jamir Alexandre Fernandes, que na religião exerce o cargo de Bábà Eḡbẹ⁷. Jamir me ajudou a arrumar as coisas, por se tratar de uma live, via redes sociais, utilizei somente um notebook e um celular. O tempo preciso da entrevista (60 minutos) se explica pela data, pois coincidiu com o momento em que Pai Walmir foi iniciado e, portanto, ele ia fazer uma pequena homenagem ao seu Orixá, Odé. Pequena, pois, se tratava de uma momento pandêmico, embora os festejos de Odé sejam sempre muito pomposos e com bastantes convidados, por conta do momento, o Babalorixá decidiu fazer uma homenagem contando apenas com algumas pessoas viventes do

5. Alguns chama obrigação de santo, mas Pai Walmir utiliza o termo renovação, como se fosse renovar votos mesmo, pois pra ele, não devemos fazer nada por obrigação e sim por amor e vontade.

6. Os sete anos de iniciação são de suma importância para a pessoa que faz parte de candomblé, é o momento que se fecha o ciclo, o iniciado, portanto deixa de ser Iyawo e se torna uma autoridade hierárquica dentro da religião, ou Babalorixá, ou Iyalorixá, no caso de homem ou mulher designados a serem donos de terreiro, ou Egbon, que são chamados de cargos do Ilé, aquelas pessoas que ajudam o sacerdote em suas funções, meu cargo tem como função cuidar de todos os fundamentos do meu Orixá, Oyá.

7. Significa "Pai da Comunidade".



Ile e eu e Mametu Kátia Hadad, que me acompanhou como convidada.

A live aconteceu no barracão e o pai chegou pontualmente às 17hs. Muito bem trajado em suas roupas sagradas, sentou-se em sua cadeira situada próximo à uma parede de cor verde, uma das cores que representa seu orixá, aliás, percebe-se que toda a estrutura visual e decorativa tanto do barracão, quanto de outros espaços do Ile estão relacionadas à simbologia do orixá Odé, principalmente as cores e também o branco, predominante na religião Candomblé. O espaço sagrado está localizado na Rua Lameira Bittencourt, Bairro do Benguí, periferia de Belém, e é um espaço bastante amplo, muito bonito e caprichado.

É importante entender que a maioria dos terreiros em Belém do Pará se localiza nas periferias, pois ao longo dos anos, seja Candomblé, Umbanda ou Tambor de Mina, houve a ligação direta da matriz africanas com as periferias pela própria história da cultura negra, indígena e as construções periféricas. Para Melo (2012), os estudos étnicos-culturais e tradicionais que possuem suas territorialidades construídas a partir de tradições e costumes que vinculam a sociabilidade aos seus ancestrais e conseqüentemente ao seu lugar de origem. Por isso historicamente a comunidade negra e sua cultura, por conta do 14 de maio⁸, sai alforriada dos engenhos e começa a ocupar espaços periféricos das cidades e também da zona rural.

Por esse ponto, as ancestralidades negras e indígenas, junto com toda a sua cultura oriunda da diáspora é lançada para longe de qualquer centro de sociedade e ocupa genuinamente a periferia. Esse processo acontece, devido à subalternidade que a população de origem portuguesa, abastada estabelece para as culturas de origens africanas e indígenas. É a confir-

8. Aponto o 14 de maio como “o dia seguinte, após a Abolição”, pois mesmo com a legitimidade jurídica que libertaria os negros da condição de escravo, não houve nenhuma condição social que levasse a grande maioria desse povo à mobilidade social. E dessa forma, a partir da abolição cria-se a ideia falaciosa de “Democracia Racial”.

mação, segundo Custódio (2020) de que o amanhecer do 13 de maio, não despertou a “democracia” racial afirmada muitas vezes pela sociedade elitista brasileira.

Mas, apesar de se ter construído a base social, de periferias, cujo principal objetivo das elites é fazer essas populações não possuírem mobilidade, um dos pontos apontados pelo sacerdote é a desconstrução e o letramento de seus filhos e filhas para que eles possam avançar na mobilidade social; sem perder o foco e a valorização de seu espaço sagrado, alinhado ao espaço geográfico, fazendo entender a importância do reconhecer e sentir orgulho das identidades ancestrais e territoriais.

Bàbálòrisá militante e professor universitário: o entrevistado

Segundo Souza, Silva e Ribeiro (2020), pensar a história e a vivência de Pai Walmir é elucidar a expansão do Candomblé em solo paraense, e também a construção de uma liderança política não restritas ao espaço religioso. Sua história na religiosidade de matriz africana começa com episódios de tranSES⁹ nos anos de 1960. Oriundo de família católica, pai português e mãe amazônica, a princípio, sua família e ele próprio estranharam e tiveram medo das incorporações que aconteciam desde a infância. Exatamente por isso seus pais optaram por matricular o filho em uma escola de confissão católica para que o “problema” pudesse ser resolvido.

Mas, os fenômenos mediúnicos não cessavam, e durante uma festividade católica Walmir incorporou um dos seus guias na presença de todos. Após a festa, imediatamente, lembra o Babalorixá, o padre lhe disse: “Você será um grande sacerdote, mas não dessa religião, e sim de outra”. O jovem, então, enveredou pelos caminhos de sua religião atual, “depois de alguns anos, já na adolescência durante o ensino médio, ele frequentou um centro de Umbanda, lá ele passa mais uma vez pelo processo de incorporação e no ano de

9. O ato de incorporar uma entidade ou um espírito.



1973, ele frequenta a casa de Mina Nagô de Mãe Célia” (SOUZA, SILVA e RIBEIRO, 2020). A respeito de suas primeiras experiências mediúnicas na adolescência, Pai Walmir comenta:

E eu vim estudar ali, que era uma escola industrial Lauro Sodré, ensinavam tipografia e aí eu vim, na época eram só homens, e depois ficou misto e eu continuei lá e terminei meu ginásio lá que era, assim, antigamente, e depois eu fui pro científico pra eu entrar na universidade. Meu científico foi feito lá no Souza Franco, o último ano que foi no colégio do Carmo. E aí a mediunidade começou a acontecer, a incorporar mesmo em casa em qualquer canto, na rua, não tinha mais um direcionamento, estava a cada dia aflorando aquela questão. Aí foi quando uma amiga, a Cristina e um ribo que até engenheiro. Apresentaram uma casa de umbanda lá na Conselheiro Furtado da Dona Deusa, até então não sonhava com Candomblé, nem sabia o que era. Quando comecei a frequentar havia manifestação, e sentia pavor do que acontecia, pois não sabia o que acontecia na época. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Segundo Souza, Silva e Ribeiro (2020), a primeira experiência de matriz africana de pai Walmir foi no terreiro de Mina de Mãe Célia, e, apesar de sua frequência em muitos terreiros de Mina, ainda não era o seu encontro pretendido, a partir desse momento, começou a frequentar a “Federação” (termo utilizado por Pai Walmir para se referir à Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiras do Estado do Pará – FEUCABEP), e pela Federação fez uma viagem até Salvador, onde teve o primeiro contato com o Candomblé.

Para além do Candomblé, Walmir da Luz Fernandes estudou e estuda muito. O gosto pelo conhecimento formal o fez conquistar todos os títulos acadêmicos ordinários e um extraordinário. Kursou o bacharelado em Teologia pela Faculdade de Educação Teológica Logos; bacharelado em Ciências e Pedagogia pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia; especialização em Metodologia do Ensino Superior; especialização em Saberes Africanos e Afro-brasileiros na Amazônia pela UFPA; Dou-

torado em Educação pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, em Portugal; e Doutorado Honoris Causa pela FEBRAICA e Ordem dos Capelães do Brasil.

É professor universitário atuando na Universidade do Estado do Pará e Faculdade FIBRA Centro Universitário, atividades em que se dedica a pesquisas com foco nos estudos afro-brasileiros, educação, língua Yorubá, história e cultura.

Aspectos de religiões de matriz africana destacados na entrevista do Bábálòrisá Walmir Fernandes

Religiões com todos os atributos de religião

No contexto contemporâneo marcado pelo fim da colonização declarada, pela abolição da escravatura e promulgação de lei de condenação ao racismo¹⁰, o povo negro ainda continua sofrendo incontáveis formas de racismo e um deles incide sobre a religião. No século XIX, Nina Rodrigues, um dos mais influentes intelectuais do cenário brasileiro, classificou as religiões negras como animismo e fetiche. De acordo com esse autor, a suposta inferioridade intelectual das populações negras as tornava incapaz de produzir religião no mesmo nível de sofisticação intelectual das populações brancas. Por isso, no máximo haveriam “cultos” fetichistas e animistas, e não religião (RODRIGUES, 1935). Ora, passados vários anos, esse preconceito ainda persiste em parte da sociedade brasileira, e, contra essa concepção equivocada, Pai Walmir iniciou a sua fala:

Primeiramente, eu gostaria de dizer que estou muito satisfeito pelo convite para fazer essa live, é uma honra! hoje seria a festa do meu pai Odé, mas infelizmente, foi feito apenas os fundamentos internos. Por conta da pandemia, mas, sem festa Mas, **estou muito satisfeito em falar que aqui há uma religião e não uma seita ou animismo.** (PAI WALMIR FERNANDES, 2020, grifo meu)

10. A Lei 7.716/89, conhecida com Lei do Racismo, pune todo tipo de discriminação ou preconceito, seja de origem, raça, sexo, cor, idade.



A expressão “seita” e “animismo” remete a diversas formas preconceituosas que são atribuídas ao Candomblé e suas congêneres de matriz africana, pois, a maioria da sociedade não o vê como religião legítima, completa e no mesmo nível de qualquer religião, principalmente, porque o cristianismo colonial sempre impôs que a verdade religiosa se baseia apenas no que o próprio cristianismo entende por verdade. Para Gualberto (2011) a lógica monoteísta radical alimenta a intolerância/racismo religioso, pois essa visão de uma verdade religiosa única e absoluta “já implica numa concepção preconceituosa e racista na qual as religiões afro-brasileiras são taxadas de feitiçaria, bruxaria, macumba e outros termos depreciativos” (GUALBERTO, 2011, p. 15).

Qualquer uma das religiões devem começar pelo respeito, infelizmente uma sociedade vil passou uma imagem altamente negativa das nossas religiões, colocando à margem da sociedade, quer dizer, isso fez com que crescesse uma sociedade, porque a sociedade é feita pela família, por exemplo, uma criança cresce e o pai e a mãe, orienta os filhos com que falar, com que lidar “não anda com aquele ali, porque é homossexual não anda com aquele ali, porque ele é preto, não anda com aquele ali, porque ele é macumbeiro”. Tudo isso fez com que as pessoas excluíssem o credo de nossos ancestrais como algo sério, válido, como uma religião e **nós somos uma religião completa!** (PAI WALMIR FERNANDES, 2020, grifo meu)

Segundo Émile Durkheim, toda sociedade precisa de uma formação institucional para que obtenha harmonia e progresso, essas instituições criam normas e regras denominadas de fatos sociais. Pai Walmir afirma que o candomblé é uma religião completa, por ser também uma instituição, e, por isso, dentro dos terreiros há normas, regras e fatos sociais, mesmo que haja divergências em alguns segmentos, estas normas, são minimamente cumpridas. Além disso, o Candomblé, como todas as religiões de matriz africana, possui os elementos essenciais de uma religião, a saber, conforme a definição de Durkheim

(1973), uma comunidade religiosa e crenças e práticas relativas ao sagrado. Diante disso, considerar as religiões de matriz africana “seita” ou “animismo”, denota ignorância do que é uma religião e mais ainda, ignorância dos elementos que constituem as religiões afro-diaspóricas.

Religiões de postura anti-hegemônica

Um dos pontos mais salientados pelo entrevistado foi a necessidade dos povos de terreiro saírem do lugar de subalternos para ocupar os lugares dos privilegiados no meio acadêmico e na sociedade em geral, postos que frequentemente são ocupados por homens, brancos, classe alta e de religião cristã, a mais aceita em toda sociedade brasileira.

O caráter anti-hegemônico das religiões de matriz africana se expressa no Ile Aşę Agaronilę por meio do enfrentamento à ocultação que a sociedade brasileira impôs e impõe aos espaços físicos das casas de axé.

Com relação a mim, enquanto sacerdote, eu fui iniciado em Salvador por Cícero de Araújo (Ayrá Fa Beron), a partir daí, de 1977 pra cá eu estou aqui [em Belém do Pará]. Nós começamos numa casa muito simples, depois fomos nos alargando, reconstruindo e ajeitando e hoje nós temos um templo, assim, como eu sempre sonhei. Eu me perguntava “por que os templos religiosos ou roças (como assim que se chamava) teriam que ser nos fundos dos quintais?” [Era] Como se a gente tivesse cometido um crime.

Eu sempre coloquei na minha visão, de que quando tivesse um templo afro-religioso, seria desse jeito [com a fachada exposta na via pública], um templo construído com muito sacrifício, mas um templo construído para as nossas divindades. Isso me deixa feliz. Que me deixa com orgulho enorme de praticar essa religião. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

A trajetória de subalternidade concebida para a população negra, enquanto povo, fez o dominador a colocar em situações de “guetos”, algo que resulta diretamente da “clandestinidade” que a prática de “pecados” (religiões afro-diaspóricas) requer, se-



gundo a concepção criada pela Igreja. O Ile Aşę de Pai Walmir, embora seja localizado na periferia, assim como quase todos os terreiros e iles de Belém, é composto de uma estrutura física muito organizada e arquitetonicamente elaborada, algo infelizmente pouco comum quando comparado àquilo que foi imposto aos povos de terreiros para as construções de seus axés.

Ora, a situação de “clandestinidade” negou a esse povo o direito de ter seus iles em construções tão grandiosos e arquitetonicamente representativas quantos igrejas e templos de outras religiões, especialmente cristãs, cabendo-lhes se esconder nas periferias, haja vista que segundo a concepção racista, os terreiros, assim como seus seguidores, precisam se conformar às suas identidades marginais, e isso inclui a estrutura material do próprio terreiro. Contra essas ideias, Pai Walmir acredita que o povo de Matriz africana necessita sim, estar em patamar que lhes dê a mesma dignidade, o mesmo patamar de qualquer outra religião, inclusive na composição arquitetônicas de seus tempos e muito mais na visibilidade desses na paisagem urbana. Se o racismo diz que os tempos de religiões de matriz africana devem ser escondidos, o Ile Aşę de Pai Walmir resiste e se firma como monumento de resistência na composição arquitetônica à vista de todas e todos no espaço urbano de Belém.

Imagem 01: Fachada do Ile Aşę Agaro Níle vista da Rua Lammeira Bittencout, Bairro do Bengui, Belém do Pará



Fonte: <https://www.mapeandoaxe.org.br>

Religiões de busca pelo conhecimento

Quanto à busca pelo conhecimento, segundo o Babalorisá, a vida nas religiões de matriz africana não se baseia somente nos “tratamentos espirituais” com banhos, ebós¹¹, obis¹² e feiturás¹³, mas também se trata inexoravelmente de buscar conhecimento, informar e ensinar a todos e todas o verdadeiro sentido de ser de uma religião oriunda de povos africanos.

É equilibrar e elevar a ori¹⁴, e as religiões de matriz afro estão além de ritos de incorporação de divindades, é muito mais do que isso! A religião Candomblé [por exemplo], tem como finalidade **a busca, o saber**, o sentir, o viver, e principalmente preservar a memória de todos os ancestrais africanos que vieram na Diáspora para o Brasil (PAI WALMIR FERNANDES, 2020, grifo meu).

Adiante ele fala do percurso de formação de um afro-religioso. Um percurso marcado pela busca de conhecimento e aprofundamento no saber e nas experiências da tradição:

Mas, se nós levamos a nossa religião a sério, a nossa religião é belíssima, ela tem uma extensão tão grande de conhecimento que não dá pra falar em uma hora, duas horas. E temos também o aprendizado! Uma pessoa que é iniciada para ser um sacerdote, uma sacerdotisa, passa 7 anos para poder ter essa formação, e durante esses 7 anos é aprendizado todos os dias. E quando eu estava em Salvador para ser iniciado, eu passei 8 meses em Salvador para ser iniciado, eu rompi com a família, rompi com a cultura, rompi com tudo. E fui pra Salvador, porque eu queria ser iniciado, eu buscava isso, os Orisás.

Eu sabia de Orisá, uma coisa que eu lia aqui ou ali, porque na época era muito difícil, uma literatura que falasse sobre as divindades. Mesmo assim eu ia em busca, porque eu queria saber o que era ori-

11. Limpeza espiritual

12. Noz de cola, considerado um fruto sagrado dentro do candomblé, tem a finalidade de unir e conectar o fiel à força de seu orixá.

13. Ritual de iniciação da pessoa para se tornar parte da religião e do terreiro.

14. Ori é o mesmo que cabeça, mente, pensamento.

sá, o que é era aquilo que eu sentia. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Religiões da comensalidade

Os diferentes povos africanos da Diáspora possuíam valores civilizatórios que permanecem nas religiões de matriz africana e, um deles, é a comensalidade, a respeito da qual as palavras de Pai Walmir são elucidativas:

A nossa religião tem uma coisa muito certa e séria, que nós chamamos de teologia da comensalidade. O que é comensalidade? É o humano comer com o divino da mesma comida. Esses animais alimentam as pessoas que ali estão. Nós, não fazemos simbolismo, como nas religiões de matriz católica que têm a hóstia feita de trigo, que simboliza o corpo de Cristo, o vinho que simboliza o sangue de Cristo. Nós, não. Nós temos os mesmos animais mesmo! a natureza mesmo! Nós trabalhamos com a natureza animal, vegetal e mineral. Nós fazemos o Amaci, nossos banhos com o sangue vegetal. Nós temos em nossos fundamentos, ouro, prata, guaje, dará, efun... São condimentos que se dão para as divindades e que são da natureza mineral e temos também os animais. Já se está falando que nós lidamos com o reino animal, a essência desses animais, o ejé, sangue é que fazem o elo entre humanos e divindade. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

O preconceito e a discriminação contra os povos de matriz africana historicamente faz seus fundamentos serem demonizados por cristãos, sejam fundamentos de oferendas, cantos, dança, rezas ou aquele que mais foi alvo de discursos discriminatórios nos últimos tempos, a saber, a sacralização de animais que no Brasil foi levada a tribunais e acusada de ilegítima e criminosa, mas que, apesar de todos os ultrajes, foi reconhecida como constitucional, pois o povo de terreiro conseguiu provar, além de outros aspectos legais, que a sacralização não é somente um fundamento de oferenda, mas também de alimento, de sustento e segurança alimentar dos povos de terreiros. O ato de comer que alimentar as divindades é também de dar alimentos aos seus fiéis, tudo que se come nos terreiros são os mesmos alimentos que são

sacralizados. Em termos simplesmente materiais, não há diferença substancial do ato de comer animais congelados comprados em supermercados, a diferença está na dimensão simbólica, no respeito simbólico de tratamento dos animais que são sacralizados ao invés de simplesmente abatidos para consumo humano.

A comensalidade, que é um padrão de conviver juntos à mesma mesa, implica em um modelo de fraternidade entre orixás e humanos, e entre humanos e humanos. Esse princípio resulta em relações que não coadunam com ideais de exclusão tão comuns em sociedades marcadas pela desigualdade, como são as sociedades nascidas de processos de colonização. Exatamente por isso, os sujeitos e sujeitas excluídos encontram nas religiões de matriz africana espaço de acolhimento, como se vê a seguir.

Religiões inclusivas

A continuar sua entrevista, o Babalorísá¹⁵ enfatizou:

Nós somos uma religião inclusiva! Nós não estamos preocupados com a cor da pele, com a cultura dessa pessoa ou pela sua orientação sexual, estamos preocupados com a aura! A aura de uma pessoa é o que vale, não importa o comportamento dela enquanto pessoa, para a divindade, importa essa aura, essa energia que emana do ser humano e que vai ao encontro do divino. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

O Candomblé é uma religião em que a magia se faz presente. Marcel Mauss (2003, p. 55) compreende a magia enquanto um complexo formado por representações, atos e agentes mágicos. Uma ideia muito comum na magia é a categoria “mana”, grosso modo, seria uma substância – entre nós, ocidentais muito chamada de “energia” – que constitui os entes do mundo dando-lhes força, animando-os, mantendo-os vivos. No Candomblé, o “mana” ganha o nome “axé” e é essa substância que é

15. Esse é o termo mais correto de chamar o senhor Walmir, mas a ideia de Pai de santo acabou se tornando mais popular.



manipulada a partir dos rituais do sacerdote de Candomblé, quando Pai Walmir enfatiza que cuida da “aura” das pessoas que o procuram, ele está falando do axé. O equilíbrio espiritual, o encontro com os orixás, com o sentido de que, ao contrário do cristianismo, cada pessoa possui um deus próprio, além do grande deus maior, Olodumare¹⁶, resulta na necessidade de equilibrar as energias (o axé) de cada pessoa com seu orixá. Os Orixás, possuem seus símbolos, elementos que geralmente estão relacionados com a própria natureza.

Não se importar com o a origem, fenótipo e comportamento das pessoas, mas sim com a “aura, essa energia que emana do ser humano”, como disse Pai Walmir, é uma dinâmica relacional totalmente oposta à lógica excludente da sociedade capitalista que opera pela combinação do racismo, do sexismo, do preconceito étnico e de lugar aliado ao preconceito de classe na concessão de dignidade, de poder e na aceitação social. E, justamente por não reproduzirem a lógica de exclusão, as religiões de matriz africana foram consideradas publicamente, e os jornais eram palco privilegiado da veiculação desses discursos, lugares de gente de má índole; moralmente reprováveis; antro de gays, e afins (VERGOLINO E SILVA, 1976).

Com as conquistas legais dos movimentos sociais de grupos minoritários, os discursos depreciativos a respeito da diversidade nos terreiros saíram do cenário público, mais ainda persistem no foro íntimo da sociedade brasileira. Contra isso, os terreiros seguem como espaço de inclusão e como reduto de acolhimento e debate para a diversidade.

Krenak (2019) defende que as comunidades colonizadas criaram estratégias e manobras para permanecer com suas culturas e ancestralidades vivas em memória. Quando Pai Walmir, salienta que há inclusão no Candomblé, ele propaga justamente

16. Na religião de nação Ketu, é tido como o ser supremo, que vive em uma dimensão paralela conhecida como Orum, é conhecido também como Olorum, o senhor do Orum.

o contraponto àqueles que excluem os que não fazem parte da homogeneidade imposta pelos dominadores. É importante reiterar que nas religiões de matriz africanas há diversos marcadores sociais das diferenças, além de pessoas de origem negra, há LGBT+, mulheres com pensamentos feministas e pessoas de todas as classes que buscam por essa magia que se encontra nos recursos naturais – o axé. As religiões de Matriz africana, também se incluem no contexto de povos tradicionais e se relacionam com a natureza enquanto sagrado, como a árvore que representa o Orixá Iroko; a mata que representa Oxóssi; as folhas medicinais que representam Ossain; o vento e as tempestades que representam Oyá; o fogo que representa Xangô; o Ferro que representa Ogun; dentre outros.

Religiões do canto e da dança

Reginaldo Prandi (1991) lembra que nas religiões de matriz africana os deuses compartilham com os seres humanos três necessidades básicas: moradia, alimento e diversão. No terreiro existem quartos específicos para as divindades e assentamentos dos filhos de santo; os deuses recebem alimentos, assim como os humanos; e os deuses descem à Terra para dançar e se divertir com seus filhos e filhas, no corpo dos seus cavalos.

O canto e a dança estão nos vários momentos da vivência nos terreiros. Pai Walmir explica:

Cada cantiga que nós fazemos na tradição, é um canto é uma reza é uma busca por essa inserção pelo divino com o humano, nós estamos em constante elevação com relação a espiritualidade, e a gente procura sempre nos tornar melhor. Após cada oferenda feita a cada divindade, nós sentimos essa essência, não precisa ninguém nos dizer, nós sentimos, nós estamos ali. Nós somos adoradores de deuses que dançam, essas divindades estão aí, através dos nossos cantos elas descem a Terra. Nós saímos dali cheios de axé. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Os cantos desempenham a função de reza ao mesmo tempo que ensinam e



passam conhecimento à família de santo. Os cantos também funcionam como chaves que abrem caminhos para a descida dos orixás. A dança, que tem papel ritual, é também diversão, pois diferente da tradição cristã que valoriza a austeridade e o sofrimento como elementos de oferenda a Deus, no Candomblé a alegria, os prazeres da boa comida e dança como expressão do êxtase do corpo são oferendas requeridas pelos orixás.

Religiões de Axé (Axé)

O axé é um princípio fundamental da religiosidade de matriz africana. Como já foi dito anteriormente, é entendido como uma energia que constituía todos os entes do universo. A respeito desse assunto, Pai Walmir vai até às origens da palavra:

E a nossa palavra axé? Axé, vem de “awa”, significa ‘nós’ e a palavra “sé” vem dos verbos ‘trabalhar’, ‘dignificar’, ‘construir’, então “axé” significa ‘construir em nome do Orisá’. Nós construímos, e tudo que vem para dentro de nossos templos religiosos são emanados de asé. E essas energias estão cotidianamente em nossas vidas. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Religiões que se organizam em estruturas familiares

Na África do período colonial as religiões materializavam parentesco, quer fossem os elos familiares reais ou míticos. Os descendentes de uma divindade regional ou familiar estavam todos aparentados em uma grande família que tinha sua origem no orixá ancestral. Um exemplo era a relação entre todos os nascidos na cidade de Oyó, atual Nigéria, e Xangô que era considerado o grande ancestral dessa cidade. A fim de destruir essas linhagens, os colonizadores misturavam pessoas de diferentes regiões nos navio negreiros. Esse processo de mistura tinha por objetivo inviabilizar alianças, haja vista que por meio do parentesco ancestral havia um pacto de fidelidade entre pessoas de uma mesma linhagem (PRANDI, 1992).

O que os colonizadores não contavam é que os laços ancestrais foram ree-

laborados no Candomblé, e, se em África cada região ou família tinha o seu ancestral, no terreiro os descendentes de diferentes ancestrais que outrora estariam cada um em sua região agora estavam todos no mesmo lugar. Além disso, a noção de família e de certificação da origem ancestral também foi reelaborada. Se na África as famílias eram definidas pela linhagem direta com o orixá regional, no Brasil as famílias passaram a ser definidas por meio da iniciação pelo mesmo pai de santo, de sorte que os filhos do mesmo babalorisá, ainda que descendam de orixás diferentes, são da mesma família. Por sua vez, se no passado africano o parentesco com o orixá era certificado via linhagem, no Candomblé passou a ser feito por meios oraculares (PRANDI, 1992).

Nesse caso, a família de santo formada nos terreiros não é vinculada por quesitos sanguíneos, mas sim pelo processo ancestral no qual somo iniciados ou renascidos dentro do sagrado, por isso, dá-se popularmente ao nome de “pai” ou “mãe” de santo e de “irmãos” para aqueles que foram iniciados no mesmo Ilê (terreiro), pelo dono ou dona da casa. Consequentemente, o que marca a idade no terreiro não é o tempo cronológico contado a partir do nascimento físico, mas sim o tempo de iniciação, de tal modo que quanto mais tempo de feitura se tem, mais velho /velha se é. Esses padrões cronológicos e de parentesco podem ser vislumbrados na entrevista:

Após ser iniciado em Salvador, eu vim pra Belém, imagina eu aos 22 anos era muito jovem e tinha os omós Orisás (filhos de santo) gente que tinha idade de ser meus avós, não era peculiar, pra mim era muito difícil me manter como pai, pra essas pessoas que tinham bastante idade, e essas pessoas me chamando de pai, me pedindo a benção, isso pra mim era um negócio novo, que não se passava pela minha cabeça. Pontuo aqui que a questão da idade cronológica que nós temos, que seria a idade de nascimento, não equivale a idade de santo, pois, a partir do momento que entramos no candomblé, o que vai contar é a idade da feitura, do renascimento, dentro do Ilê as hierarquias se ponderam dessa forma, independente



de cronologicamente a pessoa ter mais idade ou não. Sobre a responsabilidade do sacerdócio ainda na juventude e a construção de uma idade mais velha. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Pai Walmir ressalta:

Ali eu aprendi a liderar a ser pai, agir com firmeza sim, mas sempre encaminhar para o caminho do bem, quer dizer, bem que nós vemos, nem todo bem que eu vejo, pode ser o seu bem, pois essa questão de bem e de mal é uma questão muito grande. Essas pessoas começaram a se ver como espelho, um líder espiritual. Então, gente, eu estou com 65 anos! Hoje, estou aqui vivo, colocando o orisá acima da minha cabeça, da cabeça dos meus filhos, colocando a minha religião acima de tudo.

Você falou ainda pouco, você como estudiosa da nossa religião, que eu tenho título de doutor, mas o título que mais me enobrece é o título de sacerdote afro religioso esse é o meu maior título, foi o que eu achei que jamais alcançaria até onde as mãos alcançam. Hoje, com mais de 400 filhos omo orisá, me sinto pleno e ainda com muita energia de iniciar os que vierem, peço a Deus e aos Orisá que me deem vida e saúde para que eu continue essa busca constante do entendimento das pessoas em relação às nossas religiões, que elas comecem não a nos tolerar, mas a nos respeitar. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Ele exemplifica:

Nós começamos a cuidar do adepto desde a fase uterina, nós fazemos os primeiros ebós de mulheres grávidas, quando elas iniciam a gestação, antes mesmo do embrião se tornar feto, a gente já está acompanhando espiritualmente aquele nascimento, então quando nasce nós fazemos o lycomode Adé, que seria o batismo, o dia do nome, o dia que se dá o nome àquela criança.

Já brigamos tanto na justiça que hoje pode colocar o nome em yorubá que sai direitinho na certidão de nascimento sem nenhum erro ortográfico quanto à grafia. Problema de brigas com os hospitais, porque precisamos da placenta da mãe, do cordão umbilical para fazer o ondé, que é o amuleto para a criança, para ela levar para o resto da vida.

A gente precisa ter argumentos, porque os médicos não querem entregar, a dire-

ção quer entregar, então quando eu converso, coloco pra eles que é uma questão religiosa e que eles vão ter que respeitar e, graças a Deus, nunca tivemos problemas, esse é o lycomode adé, depois nós temos a fase da iniciação, nós temos o Igbé iyawo que é o casamento e aqui no norte do Brasil, há mais ou menos 17 anos ou 18 por aí, eu fui para ter esse curso de sacerdote pleno lá em Guararema, Estado de São Paulo, na casa da saudosa, Yá Sandra Egüega, os africanos vieram especificamente para ministrar esse curso. Nós éramos 9 sacerdotes fazendo Sacerdote pleno, hoje há outros que já o fiz que podem fazer o Igbé Iyawo e o Lycomode Adé, tem o meu filho Olufoni de Macapá, aqui em Belém a Yá Ejité, a Mãe Néia e outros que já fizeram comigo e temos o pós-morte, que é o Axexê, então nós temos uma religião do início ao fim da vida.

Qual a religião que tem esses ritos? Mas, é rito de corpo presente é rito enquanto as divindades recebem o encaminhamento para o Orun dessas pessoas que passaram para a outra vida, e nós acreditamos que os nossos virão em outros nossos, no futuro, que o espírito de alguém vem para ceifar a nossa família de más energia e assim por diante. Nós acreditamos nesse pós morte.

Não temos essa visão de ressurreição ou coisa assim, não! Acreditamos que eles virão em nossos familiares, em nossos ancestrais, não é a reencarnação na visão dos espíritas, é na nossa visão, é diferente, são nessas coisas que nós acreditamos. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Religiões que têm o yorubá como uma de suas línguas rituais

Nas religiões de matriz africana as línguas do tronco bantu e benué-congolês, especialmente yorubá e evé, compõem o léxico litúrgico. Ou seja, são utilizadas nas rezas, nos cantos e nas classificações dos entes religiosos. A depender do segmento do Candomblé, uma dessas línguas possui maior preponderância no vocabulário. No caso do Candomblé Ketu, do qual Pai Walmir faz parte, o yorubá é a língua prevaletente. Como qualquer língua viva, o yorubá moderno é bastante distinto do yorubá falado na época do tráfico de escravizados, diversos fenômenos históricos mudaram sua gramática e prosódia, de modo



que a língua falada nos terreiros já não pode mais ser encontrada em África, fato que leva muitas pessoas a concluir que o yorubá dos terreiros é uma língua morta. Porém, por ser uma língua usada no cotidiano das casas de axé, ainda que não seja mais a língua oficial de algum país, Pai Wlamir Fernandes observa que

O yorubá [dos terreiros] não pode ser considerado uma língua morta, o que se fala em templo religioso? é yorubá! o que se canta no salão para essas divindades? É o yorubá! E essa tradição, como se chama no Brasil, a nação Ketu, foi quem mais se disseminou em solo brasileiro, é difícil você não ver um estado brasileiro que tenha uma casa de Ketu, então como é que pode ser uma língua morta, se todos os dias nós comungamos com essa língua? (PAI WALMIR FERNANDES, 2020).

E acrescenta com a exposição das origens do yorubá, as modificações do idioma no decorrer do tempo, e uma das estratégias para a preservação do yorubá antigo:

O yorubá é o idioma da Nigéria, é um idioma nigeriano, não é um dialeto! Dialeto é alça, é igbô e outros dialetos que há em África, são mais de 100 dialetos, mas yorubá é uma língua que foi falada antes, depois que começaram a colonizar a África, e os ingleses foram muito além abrangendo essa questão cultural e hoje já se fala um yorubá misturado com o inglês, não existe mais o yorubá falado, esse mais primitivo, só nas aldeias além de Nigéria, mas na capital, não se fala mais esse yorubá, e essa construção ciclópica, divina, que é o yorubá a gente quer passar na língua dos nossos ancestrais, por isso existe a sociedade de preservação da língua yorubá, da qual eu sou presidente. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Devido a imposição da língua portuguesa e proibição do uso do yorubá pelos colonizadores, o yorubá falado nos terreiros também sofreu modificações. A pronúncia original de certas letras foi esquecida; construções fraseológicas foram improvisadas, e, a respeito dessas alterações, Pai Walmir discorre:

“Iemanjá” é uma palavra brasileira, a gente aceita, porque o candomblé é afro-bra-

sileiro, mas o nome correto é “Yemonjá”, a mãe que possui filhos peixes. A pronúncia do nome “Ogun”, está errada, pois, no yorubá nunca se termina palavras em consoantes, todas as palavras sempre são terminadas em vogal. Nós temos 7 vogais normais: a, ee, e quando aparece essa grafia o som é aberto, ii, oo, o (rabinho embaixo) o som é aberto e u, são sete, mas também temos vogais nasalizadas, an, en, in, on un. Por isso Ogun está escrito O-G-U- N o N é uma vogal, o U junto com o N é uma vogal.

As pessoas entendem dessa forma, a palavra “Ogã”, a pronúncia é “Ogàá” e não “Ogã”, mas como está escrito O-G-Ã não se pronuncia como se houvesse um som nasal, pois o til é um sinal de repetição de letras, não tem o sentido de nasalização de som, “Ogàá” teria essa escrita com a mesma forma de pronúncia. A palavra “Ogun” é dessa forma, a palavra “Oşun”. Toda a palavra yorubá é feita de uma consoante que é feita de uma vogal, não existe dígrafo, foi só uma interpretação da língua, porque o brasileiro não entendia. O Ş a pronúncia é como se fosse o X, por isso se fala “Oxum”, mas escreve “Oşun”, por exemplo. Toda palavra yorubá é feita de uma consoante seguida de uma vogal não existe dígrafo, mas, foi só uma interpretação da língua, porque quem cantava as músicas em iorubá eram os africanos, o brasileiro não entendia. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Ele continua dando exemplos de algumas adaptações linguísticas que ocorreram justamente pela falta de conhecimento das pronúncias originais:

A palavra Motumbá, por exemplo, é uma palavra que tem várias traduções, por isso não a uso. Nós temos “*motum*” e “*obá*”, “*motum*” é “latrina”, e “*obá*” “rei”, quando ela foi inserida no contexto iorubá, quando os negros, nossos ancestrais na condição de escravos, os seus senhores obrigavam a eles a pedir benção, eles respondiam “*motumbaxé*”, como se quisessem mandar os senhores a “caixa prego”. Mas, têm outra tradução, em um yorubá mais moderno, essa palavra seria uma reverência ao rei. Mas, de benção não tem nada, benção em iorubá seria “*bocun*”. “*Bocun ò babá mi, Bocun ó iyá mi*”. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Pai Walmir faz questão de dizer que yorubá é um idioma, e não um simples



dialeto. Isso ocorre porque ainda hoje, no Brasil, línguas não pertencentes às nações colonizadoras ou alguns países do Oriente são consideradas primitivas pela camada média da população. Daí que a necessidade de oportunamente afirmar que as línguas de povos africanos (e também dos povos indígenas) são idiomas e não dialetos: “Lá em África, antes das religiões de matriz africana, o yorubá já existia. A língua yorubá é um idioma! E, para nós [afro-religiosos], assim como já dito, é algo ciclópico, divino, porque nós falamos com as nossas divindades através da fala, o yorubá (PAI WALMIR FERNANDES, 2020).

Na vida de Pai Walmir, a busca pelo yorubá falado nos terreiros começou como parte de uma atitude fundamental da vivência no Candomblé, qual seja, a busca por conhecimento. Além disso, mesmo sabendo que falar um “yorubá correto” não é requisito para agradar ou não os orixás, o princípio da ancestralidade fez o babalorísá buscar a língua utilizada pelos seus ancestrais, língua que foi modificada por causa da violência colonial. Pai Walmir sabe que.

Por conta disso, [nos terreiros] há uma série de cantigas que as pessoas não sabem o que estão cantando, esse era o meu incômodo. Foi por isso que eu fui em busca do aprendizado da língua yorubá, porque eu queria falar corretamente com a minha divindade, embora eu esteja em um Candomblé afro-brasileiro e meu orixá entende perfeitamente em português, mas eu queria mais! É o que me encanta, é o que coloca pra diante, o que me aflora a vida, são essas divindades, como disse, eu acredito em Deus e nos Orixás, a minha religião me completa, eu não preciso de outra. Então, essas coisas todas vão acontecendo, a gente vai valorizando, dando mais valor àquilo que você começa a conhecer. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Pai Walmir revelou que sempre teve uma inquietação para aprender o yorubá, assim como muitos adeptos do Candomblé, por não conhecer o idioma, por vezes encontrava dificuldades para explicar os fundamentos:

Isso [me] enriqueceu muito, quando eu não sabia nada e meus filhos pergunta-

vam “meu pai, qual o significado de tal coisa?” Eu usava aquele velho bordão de quem não sabe “meu filho é muito cedo para lhe responder”. Isso me incomodava profundamente, então eu fui em busca disso, pra responder pra mim, primeiro, para depois responder para os outros. Foi assim que eu fui em busca do yorubá. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

A busca pelo conhecimento do idioma que forma o léxico da sua religião incluiu a transposição de distâncias, criação de laços, e insistência diante de dificuldades, especialmente diante da falta de especialistas na língua, fato que o fez integrar a organização de uma instituição que visa o enfrentamento desse problema de maneira mais sistemática:

Eu fui pra Salvador, fui iniciado e quando eu tirei a aliança, o kelé, estava surgindo o curso de yorubá em Salvador com o professor Ademola, meu primeiro professor em yorubano mesmo. E o professor Gilberto Baraúna, lá na Escola de Nutrição de Salvador, em Campo Grande, eu fui e tive dois meses de aula, aí eu tinha que vir para Belém, voltei para Belém, depois voltei novamente para Salvador, fiz mais 4 meses, depois eu consegui trazer o professor Gilberto Baraúna para Belém, porque eu sempre fui muito ousado, sempre fui muito em busca daquilo que eu queria, sempre fui muito determinado. Trouxe o professor Baraúna que ficou hospedado durante um mês na minha casa e ministrou aula de iorubá aqui e o saudoso Babá Tayandô participou, eu lembro como se fosse hoje.

[...] fundada em 1990 [a Sociedade de Preservação da Língua Yorubá], e nós fazemos ainda essas reuniões em Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, enfim fizemos nascer essa sociedade desse yorubá arcaico mesmo, e tentamos passar esses valores, esses saberes ciclópicos e divinos que estão conosco no dia dia em uma casa de axé. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Religiões organizadas em nações

Na tentativa de resgatar as identidades que foram ceifadas pelo colonizador, nos Candomblés do Brasil foram criadas nações, isto é, segmentos que se organizaram a partir da preponderância cultural bantu, yorubá ou ewé-fon. Essas



identidades podem ser pensadas a partir de Stuart Hall (2003,), segundo quem “a identidade se constitui na hibridação, no movimento, na articulação, nunca de forma completa, sendo provisória, tendo em vista vários encontros, que podem causar choque e entre choques com outras culturas”. Embora tenha ocorrido essa tentativa de reconstrução das identidades étnicas das populações africanas nos terreiros, em sua fala, Pai Walmir enfatiza que esse processo pode gerar animosidades, principalmente quando se busca um “purismo” entre as nações de Candomblé. Por esse motivo, ele se declara a favor da união de nações e reconhece todas como memórias ancestrais, pois acredita que no período colonial o povo negro não queria se segregar e sim viver uma união, para poder lutar e resistir contra os seus opressores.

Veja bem, foi tão difícil para os nossos ancestrais dentro daqueles navios pútridos, chegarem ao Brasil, eles foram trazidos, arrancados de sua mãe, África, e, ao chegar aqui, o negro saudoso, melancólico, triste, queria fazer o seu rito, para as suas divindades, ele não queria saber se o fulano nasceu na Guiné Bisau, ou seu nasceu no Daomé. Ele queria o africano ali junto, cantando, dançando para as suas divindades, não tinha essa separação, mas hoje tem! E ela é marcada, por acirradas discussões em cima disso, e eu não acredito que as pessoas ainda tenham essa visão, porque para o nosso ancestral foi tão difícil, ele atravessar o oceano atlântico chegar ao Brasil e querer se unificar e a gente querer fazer separação? É um tanto incoerente. Mas, infelizmente é essa a nossa realidade. Não deveria ser assim [...] por que essa separação que hoje tem?: “fulano é Angola”, “ciclano é ketu”, “beltrano é Jeje”, essa separação se faz no Brasil, não tem em África. Não tem nações na África. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Religiões com grupos em que se buscam a africanização e o abandono do sincretismo com as religiões cristãs

Desde a segunda metade do séc. XX os Candomblés vêm passando por um processo de africanização e desin-

cretização em relação às religiões cristãs (MELO, 2008). Segundo os grupos que abraçam essa proposta de rearranjo da religião, o sincretismo com o cristianismo foi uma forma de manter as antigas tradições em meio às proibições impostas pelos colonizadores aos africanos e seus descendentes.

Sob essa perspectiva, podemos pensar na condição da história do Brasil em relação à colonização e Diáspora¹⁷. Para Romão (2018), a chegada do povo português em uma terra habitada por uma grande diversidade de etnias ameríndias, representou a eclosão de atos severos de violência, contra os grupos tradicionais que habitavam as atuais terras brasileiras, provocando um grande genocídio do povo indígena no Brasil e mais tarde com as etnias africanas que foram sequestradas e trazidas para servir como mão de obra escrava e destituídas de seus direitos fundamentais.

Diversas etnias africanas foram misturadas nos navios negreiros, com o intuito de dificultar a comunicação, a troca de cultura para evitar possíveis revoltas ou fugas. Mesmo com a mistura étnica do povo africano e do sofrimento das servíncias, o povo negro buscou de forma consciente ou inconsciente, soluções práticas para manter suas culturas e tradições, como por exemplo, seus rituais religiosos. Naquele momento, o contexto histórico era predominado pela religião católica, e, como se tratava de um começo de uma era mercantil, os colonizadores não só invadiam os territórios com o intuito de ocupá-los e explorar suas riquezas, mas também impor suas práticas culturais, religiosas e políticas que foram impostas como único caminho civilizatório.

17. Na concepção de Aimeé Bolaños (2010), a palavra Diáspora vem da cultura grega, com os significados de dispensar ou semear, referindo-se a histórias de migração, colonização e exílio, mas é possível constatar que seu sentido muda em novos contextos geopolíticos. Nesse aspecto, em nossas formações culturais, menção especial merecem as comunidades afro-americanas, a partir do tráfico negreiro (PEREIRA, 2016).



Por conta desse processo imperialista¹⁸, ao longo do tempo os africanos foram familiarizados com o contexto cristão católico, e, dessa forma, criaram uma forma de inferir transferências, adaptações e recriações de suas culturas e religiões com o intuito de manter viva suas concepções ancestrais, ainda que misturadas com o sistema hagiológico católico. Então naquele contexto, o sincretismo com a religião católica é considerado pelos candomblecistas pró-africanização apenas uma estratégia de sobrevivência. Pai Walmir compartilha dessa concepção e por isso enfatiza a liberdade de culto garantida pela constituição contra qualquer necessidade de misturar a religiosidade de matriz africana com o cristianismo. Ele acredita que se pode buscar o status de dignidade para a religiosidade afro contra ideais raciais de inferioridade (racismo religioso) e prescindindo da mistura com a religião dos agentes do racismo:

Hoje nós temos liberdade de culto¹⁹, está escrito na constituição de 1988, nada nos impede disso, infelizmente nós temos a questão dos preconceitos raciais, as vezes escancarados, as vezes velados, mas preconceito do mesmo jeito, até porque, as religiões de matriz africanas foram trazidas para o Brasil pelos nossos ancestrais, negros africanos, então como ela começa por uma raça negra, raça de 'bichos', como nossos ancestrais eram tratados, então quem vai acreditar de uma religião saída de negros? (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

18. O Imperialismo como um conjunto de ideais, medidas e mecanismos, que sob determinação do Estado dito Nação, procura efetivar políticas de expansão e domínio territorial, cultural e econômico. Apesar da prática imperialista estar associada à formação de impérios, o termo pode ser aplicado à Colonização das Américas e outros processos de exploração históricas relacionados à questões territoriais e genocídios.

19. Desde a constituição de 1824, o culto de outras religiões já era permitido, porém, deveria ser feito de maneira doméstica, não podendo haver identificação oficial de religião que não fosse católica. As religiões ligadas aos Africanos eram severamente punidas, durante o começo da colonização muitas pessoas foram condenadas no Brasil pela santa inquisição, por professar cultos afros. Foi nesse momento que os negros começaram a introduzir santos católicos na sincretização com suas divindades. Somente em 1988, com a Nova Constituição brasileira que houve a consagração do direito fundamental à liberdade religiosa.

Para Bastide (1997, p. 183), nas confrarias os escravizados conseguiram se organizar socialmente de forma a reproduzir ou adaptar os sistemas organizacionais das sociedades africanas, auxiliando na conservação e na propagação de seus valores originais. Ou seja, a questão do sincretismo católico não foi necessariamente uma mistura, mas uma estratégia de flexibilizar ou negociar aspectos da fé ancestral africana para não correr o risco de receber retaliações por parte do cristianismo, religião dominante na província do Brasil. Rita Suriani Lamas (2019) cita que muitos terreiros de Candomblé nasceram de confrarias ou irmandades católicas, como na história do Terreiro do Engenho Velho, localizado na Bahia.

De acordo com relatos citados por Lamas (2019) o terreiro existente desde meados de 1790 surgiu dentro da irmandade "Senhor Bom Jesus dos Martírios dos Crioulos naturais da cidade da Bahia" (BERKENBROCK, 1999). Apesar do sincretismo ser determinante no desenvolvimento histórico do Candomblé, a visão política do Babalorixá engendra uma postura de resistência em aderir ao sincretismo com o cristianismo em sua vivência:

Pensar a história do Candomblé, não é pensar uma história única e muito menos sincretizada no sentido de uma mistura harmônica, mas pensar que diferente da Umbanda, que utiliza vários elementos para sua composição, o candomblé possui uma história mais voltada pela própria luta e resistência do povo africano no Brasil. E tal resistência ainda persiste! (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Ele sustenta essa fala, na perspectiva de desmistificar a romântica percepção que a maioria da sociedade tem em acreditar que o sincretismo poderia ser uma união harmônica entre as religiões, ou mesmo que o cristianismo revelaria um modelo de civilidade que poderia ser agregado por diferentes religiões.

Então, a gente brigou com a sociedade, esses anos todos e aqui estamos, persistentes com uma religião que nada tem escrito, como um Alcorão, como uma Bíblia

[é uma religião de tradição oral] [...] Nós, não saímos por aí pelas ruas fazendo proselitismo da nossa religião! Todos que vêm a nós, nos procuram! chegam até nós! (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

Por meio dessa fala, o Babalorisá evidencia que as religiões de matriz africana não são religiões de salvação que trabalham com a ideia de culpa, condenação e anúncio de massa visando à conversão e salvação. São religiões com uma originalidade *sui generis* que, no entendimento do entrevistado, pode e deve ser mantida e até reconstruída (“resgatada”) sem a necessidade de lançar mão do sincretismo do passado.

Religiões da autoridade ancestral

Nas religiões de matriz africana o conhecimento e a autoridade que ele gera estão intimamente ligados ao tempo. Apesar da dignidade ser a mesma, e por isso mais novos e mais velhos mutuamente pedirem benção, o comando segue a linha da hierarquia tecida pela idade no santo (tempo de iniciação). E essa hierarquia e autoridade não implica apenas em mando e obediência, mas em uma série de outras incumbências e responsabilidades dentre as quais o sacerdote/babalorisá, na condição de mais velho, destaca-se:

[Nossa religião] é de boca para ouvido, ela é de mestre para discípulo e assim que nós fazemos as nossas iniciações para Ọmọ Ọriṣà²⁰ [...] é assim que nós passamos pra eles as responsabilidades que se tem no Egbé²¹ das religiões Afro Brasileira, de quê o sacerdote, ele encaminha, ele orienta, ele dá caminho para que as pessoas possam chegar até as suas divindades, mas ele não obriga

20. Nomenclatura dada aos filhos de santo iniciados, que recebem a energia das divindades, orixás. Também são conhecidos popularmente como laô (escrita em lorubá: lẸyáwó).

21. Aqui, o sentido da palavra Egbé está relacionado a comunidade que visa o bem comum, ou seja, a função do iniciado dentro da sociabilidade a qual pertence. Nesse sentido a comunidade de pai Walmir, a partir de sua visão militante tem como propósito ancestral fortalecer relações de convivência com o intuito de se proteger coletivamente. Esse propósito, segundo ele deve ser passado por todas as religiões de matriz africana, sobretudo, o Candomblé.

ninguém a nada. [...] Um sacerdote religioso, é ao mesmo tempo uma série de coisas: médico, conselheiro, psicólogo, advogado, uma série de outras coisas, por conta da confiança nele depositada pelos adeptos, por conta da confiança do elo entre ele e a divindade dele, e, assim, ele vai encaminhando aconselhando, ele vai fazendo isso ou aquilo para agradar a divindade dele e a divindade de outras pessoas [seus filhos de santo]. (PAI WALMIR FERNANDES, 2020)

A partir desse relato, é possível afirmar que o Candomblé é uma religião que prioriza a fala, os sentidos e a memória. E o papel do sacerdote é passar ensinamentos que são transmitidos de geração a geração. Por isso, os terreiros de Candomblé são classificados principalmente por famílias, como já foi abordado em seção anterior, e essa é a razão de Pai Walmir enfatizar quem o iniciou, o ano, enfim, para mostrar a família a que ele pertence e a partir de quais antepassados ou ancestrais são feitas as regras estruturais de sua casa. Nesse sentido, a memória não apenas produz história, como relembro o pensamento de Marcel Mauss (2008), mas faz parte da vivência da realidade presente, em consonância, a memória para o povo de candomblé é “tradição viva” e aciona um “conhecimento total” (BATISTE, 1948). Por isso, o papel do sacerdote é manter essa memória viva e passar para seus filhos, e assim por diante.

Imagem 02: Momento da entrevista com o Pai (Bàbàlòrisá) Walmir Fernandes



Fonte: Kátia Hadad em 8 de agosto de 2020.

Isto posto, concordo com o pensamento de Veras (2015) quando afirma que trazer a trajetória de vida de um único sujeito para a etnografia, exatamente como faço aqui, não significa exaltação da sub-



jetividade em detrimento da objetividade, nem a revanche do indivíduo sobre a sociedade e suas estruturas culturais, ou ainda esquecer a sociedade para olhar para o indivíduo. Ao contrário, pensar o sacerdote é pensar a comunidade por inteira, pois, a comunidade de terreiro carrega o nome do sacerdote e vice-versa.

De acordo com Beniste (1997, p. 87) O Bábálórísá e a Iyálóríṣà²², conhecidos popularmente como pai e mãe de santo, são as autoridades máximas dentro do Candomblé Ketú, para essa função eles são escolhidos pelos próprios orixás, são pessoas que têm que passar pelo processo de iniciação como Iyawô, e que realizam os ritos obrigatórios e probatórios, que duram 7 anos da data de iniciação, cujo de acordo com a vontade da divindade, pode vir a ser um sacerdote maior da casa a saber, Bábálòrisá ou Iyálóríṣà²³, pois nem todos são destinados a esse papel. Dessa forma, o sacerdote, dono do Ilê²⁴ influi diretamente na efetividade, na comunicação e motivação organizacional do espaço (KAPPAUN, 2007), ele encarna a autoridade ancestral.

Considerações finais

Diante da entrevista feita com o pai Walmir, percebe-se a preocupação do mesmo em não somente exercer o sacerdócio pela prática do saber relacionado à memória passada de geração a geração, como também na prática do saber educacional e social. Ao falar do orgulho de seu papel de sacerdote e da vontade do saber e aprender as questões ancestrais e entender a cultura e religião afro, como religião oriunda do povo preto, ele defende a necessidade de manter o enegrecimento

22. A grafia correta em Yorubá é essa, mas pode escrever Babalorixá ou Iyálorixá da forma como se pronuncia. Babá significa pai e Iyá, significa mãe.

23. Nem todo iniciado pode se tornar um dono de terreiro, alguns são predestinados para cargos do mesmo, uma vez que o espaço de candomblé é composto de hierarquias, e organizado, estruturalmente, além do Pai de Santo, há os Egbons ou Egbomis que são pessoas que se dividem como auxílio para o trabalho do sacerdote maior.

24. Ilê Asé significa casa de Axé.

(africanização) dela em detrimento do sincretismo (com o cristianismo) como forma de resistência e luta.

O Brasil é um país multiculturalista, mas a partir da perspectiva de Stuart Hall (2003), podemos refletir qual multiculturalismo tem sido aceito. Diante da estrutura construída desde seus primórdios como uma instituição racista, sexista e misógina, podemos concluir que esse multiculturalismo não inclui todas as culturas. As culturas negras e as culturas indígenas historicamente são subalternizadas, demonizadas pelas culturas ditas superiores e socialmente aceitas.

Pensar que a instituição religião é de suma importância para a formação social do indivíduo, e geralmente está associada também à formação política. Neste sentido, podemos afirmar que a religião é social, é institucional e é política e sua formação é um potencial para designar padrões, inclusive culturais e educacionais.

As imposições acontecem de acordo com quem domina o meio social, no caso do Brasil, a dominação ainda é relacionada ao colono branco europeu. E o colono tem uma religião, que embora a constituição formalize o Brasil como um Estado Laico, politicamente e culturalmente, isto é, na prática, temos uma religião dominante presente nas bancadas políticas, presente em todos os setores, seja na periferia, seja entre a elite. E essa religião (me refiro à sua maior parcela) não pratica a dialética da relatividade cultural, mas a imposição de sua verdade religiosa, seu monoteísmo e doutrina.

E nessa ideia de verdade religiosa única e busca incessante da salvação pós-morte, e moralização de conceitos que buscam oprimir aqueles e aquelas que não cumprem suas regras morais, muitas vezes delimitando conceitos de bem e mal, céu e inferno, demônio e anjos, acaba-se criando muitas sugestões em relação à educação e ciência que são nefastas para a diversidade, haja vista que a pregação da palavra de um único livro sagrado (a



Bíblia) subjaz essas ações e é sustentada como fonte de toda a formação universal ideal.

Para o Bábálòrisá entrevistado, a busca pelo saber ancestral também é uma forma de desconstruir paradigmas. Ao pensar, a religião com o sentido de completude, ele se posiciona contra os argumentos daqueles que demonizam ou “seitificam” o Candomblé e o taxam como algo ilegítimo, negativo, e que, por isso, deve ter a sacralização outras oferendas criminalizadas.

Além disso, Pai Walmir Fernandes apresenta diversos aspectos fundamentais das religiões de matriz africana como a comensalidade, a inclusão, o axé, e afirma também a importância o yorubá, uma importante língua ritual do segmento religiosos afro e que, como bem deixou claro, é um idioma com densa complexidade gramatical.

E finalizo propondo uma reflexão acerca de uma reconstrução proporcional da história do Brasil, uma reconstrução que considere a diversidade e a existência de grupos religiosos, como as religiões de matriz africana, que são tão complexas e cuja complexidade foi apenas superficialmente tocada pelo presente estudo. É preciso atualizar essa independência que já existe há 200 anos, mas que assim como a abolição da escravidão, em 1888, persiste em não fazer nenhuma reparação ao povo escravizado e explorado especialmente no tocante às violências e segregações culturais que esses povos sofreram.

Referências

BASTIDE, Roger. “Le principe d’individuation. Contribution à une philosophie africaine”. In: **Colloque International du CNRS: La notion de personne en Afrique noire**. Paris: L’Harmattan, 1997.

BASTIDE, Roger. **Les Problemes de la vie mystique**. 2. ed. Paris: Armand Colin 1948.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BERKENBROCK, Volney J. **A Experiência dos Orixás**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOLAÑOS, Aimée. Diáspora. In: BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 16787.

CAMPELO, Marilu; LUCA, Taissa Tavernard. As duas africanidades estabelecidas no Pará. **Revista Aulas**, Campinas, n.4, p. 1-27, abr/jun. 2007.

CHIESA, Gustavo. “A sua religião é a Antropologia”: histórias e (des)caminhos de um antropólogo-aprendiz em um terreiro de Umbanda. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 215-236, jul./dez. 2020.

CUSTÓDIO, Túlio. A Luta Abolicionista e o papel do negro da Construção Da Própria História. **Portal Gueledes** [online], 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. In: COMT, Algusto; DURKHEIM, Émile. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

GUALBERTO, Marcio Alexandre M. **Mapa da Intolerância Religiosa 2011: violação ao direito de culto no Brasil**. Rio de Janeiro: E-book, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KAPPAUM, Eduardo Ângelo de Melo. **Hierarquia numa instituição de candomblé ketú**. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharel em administração). Brasília: Uni-CEUB, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias Para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAMAS, Rita Suriani. A formação das religiões afro-brasileiras: A interferência do sincretismo religioso. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 222-232, jan./jun. 2019.

LUCA, Taissa Tavernard de. **Devaneios da memória: a história dos cultos afro-brasileiros em Belém do Pará na versão do povo-de-santo**. Monografia (Bacharelado



e Licenciatura em História). Belém: DH/CFCH/UFPA, 1999.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma Teoria Geral da Magia**. São Paulo: Edição 70, 2008.

MELO, Aislan Vieira de. Reafricanização e dessincretização do candomblé: movimentos de um mesmo processo. **Anthropológicas**, Recife, ano 12, v. 19, n. 2, p. 157-182, 2008.

MELO, Emerson . Memória e Resistência na Formação dos Terreiros de Candomblé. In: FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para professores, fazeres para alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 23-28.

MORHY, Érika. Candomblé no Pará ainda é original: pesquisa dá início ao registro histórico do culto de raiz baiana e pouca idade na região. **Beira do Rio**, Belém, n. 16, p. 4, dez. 2003.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: EDUSP; HUCITEC, 1991.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos de Linguística Aplicada (TLA)**, Campinas, n. 57.1, p. 353-381, jan./abr. 2018.

SOUZA, Allef; SILVA, Jhonnata; RIBEIRO, Luana. **“Da iniciação ao sacerdócio”**: a história de Pai Walmir da Luz Fernandes (Baba Aga Aro Nile) e a sua importância

no processo de firmação e expansão do candomblé em Belém (1977-1993). Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura em História). Belém: FIBRA, 2020.

VERAS, Hermes de Sousa. **O sacerdote e o aprendiz: etnografia, experiência e ritual em um terreiro de Mina Nagô na Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belém: PPGA/IFCH/UFPA, 2015.

VERGOLINO E SILVA, Anaíza. **O tambor das flores: Uma análise da Federação Espírita, Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiro no Pará**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: Unicamp, 1976.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

-----//-----

Abstract: The article brings together the results of the content analysis of a live that had the participation of Bábálòrisá Walmir da Luz Fernandes, one of the most important priests of African matrix religions in Belém do Pará. The objective is to describe aspects of religions of African origin, from the point of view of this priest who also stands out in the religious environment of Pará because of his academic and militant profile. For this, an interview given to the author on August 8, 2020, during the recording of a live was taken as material. Data were analyzed according to some content analysis procedures. In all, 12 aspects were listed: elementary attributes; anti-hegemonic posture; quest for knowledge; commensality; inclusion; singing and dancing; Aşé (Axé); family organization; the Yoruba language; organization into nations; the search for Africanization and abandonment of syncretism with Christian religions; and ancestral authority.

Keywords: African matrix religion, Priesthood; Yoruba; Life trajectory.

Recebido em: 10 de julho de 2022.

Aceito em: 5 de agosto de 2022.